PFC revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea

Da (des)proporção antropológica à excentricidade: a atualidade do pensamento de Ludwig Binswanger

ARTIGO

From Anthropological (Dis)proportion to Eccentricity: the contemporary relevance of Ludwig Binswanger's thought

Jean Ricardo Martin
Pedro Vitor Barnabé Milanesi

Resumo

Este artigo investiga a atualidade do pensamento de Ludwig Binswanger, com foco em sua análise da excentricidade como via de acesso à compreensão do sofrimento humano. Partindo de uma crítica aos modelos psiquiátricos reducionistas, que objetificam a loucura, o estudo se propõe a analisar a obra Três Formas de Existência Malograda para elucidar como a excentricidade (*Verschrobenheit*) se manifesta enquanto um modo de ser-no-mundo. Por meio de uma análise crítica da fase daseinsanalítica de Binswanger, marcada pelo diálogo com a ontologia de Martin Heidegger, de onde derivam os conceitos de Dasein, projeto de mundo e historicidade, o argumento central desenvolve-se em torno da noção de desproporção antropológica, que Binswanger estabelece como fio condutor para entender as existências malogradas (extravagância, excentricidade e amaneiramento). Tal desproporção é definida como um desequilíbrio entre a "altura" (idealização, racionalização) e a "amplidão" (experiência situada) da existência. A excentricidade, especificamente, é apresentada não como falta ou defeito, mas como uma organização singular e isolada do mundo, caracterizada pelo enrijecimento da circunvisão (*Umsicht*) e pela perda da comunicação (*communicatio*) com a comunidade de referência. Defende-se que a abordagem binswangeriana, ao transcender as categorias psicopatológicas tradicionais, situa a compreensão do sofrimento como uma crise ontológica que só pode ser compreendida a partir do acontecimento existencial do paciente em sua comunidade de referência (que também precisa ser conhecida). A pesquisa ressalta, por fim, a fecundidade deste pensamento para os debates contemporâneos sobre saúde e cuidado e aponta para a necessidade de mais traduções e estudos que articulem seus conceitos à prática clínica atual.

Palavras-chave: Fenomenologia; Ludwig Binswanger; Psicopatologia.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2026; vol15 (1): 179201

Published Online
11 de outubro de 2026
https://doi.org/10.37067/rpfc.v15i1.1246

Jean Ricardo Martin

Possui graduação em psicologia pelo Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto.

Contato: psijrmartin@hotmail.com

Pedro Vitor Barnabé Milanesi

Possui graduação e mestrado em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, é doutor em psicologia escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. E é professor do Centro Universitário da Fundação Herminio Ometto de Araras.

Contato:pedro_milanesi@fho.edu.br

PFC revista
Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea

From Anthropological (Dis)proportion to Eccentricity: the contemporary relevance of Ludwig Binswanger's thought

ARTIGO

Da (des)proporção antropológica à excentricidade: a atualidade do pensamento de Ludwig Binswanger

Jean Ricardo Martin
Pedro Vitor Barnabé Milanesi

Abstract

This article explores the contemporary relevance of Ludwig Binswanger's thought by focusing on his analysis of eccentricity as an approach to understanding human suffering. Beginning with a critique of the reductionist psychiatric models that objectify madness, this study analyzes the work Three Forms of Failed Existence to clarify how eccentricity (Verschrobenheit) presents itself as a mode of being-in-the-world. Based on a critical examination of Binswanger's Daseinsanalytic phase and his dialogue with Martin Heidegger's ontology—the source of concepts such as Dasein, world-design, and historicity—the core argument revolves around the notion of "anthropological disproportion." Binswanger posits this as a key to understanding failed existences (extravagance, eccentricity, and mannerism), defining this disproportion as an imbalance between the "height" (idealization, rationalization) and "breadth" (situated experience) of existence. Eccentricity is thus framed not as a deficit, but as a unique and insular organization of the world, marked by a rigidification of circumspection (Umsicht) and a loss of communication (communicatio) with one's community of reference. The paper contends that Binswanger's approach transcends traditional psychopathological categories by framing suffering as an ontological crisis, which can only be understood through the patient's existential unfolding within their specific community. This research highlights the richness of Binswanger's thoughts for current debates on health and care and calls for further translations and studies to connect his concepts to contemporary clinical practice.

Keywords: Phenomenology; Ludwig Binswanger; Psychopathology.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

Psicopatol. Fenomenol. Contemp. 2026; vol15 (1): 179201

Published Online
11 de outubro de 2026
https://doi.org/10.37067/rpfc.v15i1.1246

Jean Ricardo Martin

Possui graduação em psicologia pelo Centro Universitário da Fundação Hermínio Ometto.

Contato: psijrmartin@hotmail.com

Pedro Vitor Barnabé Milanesi

Possui graduação e mestrado em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, é doutor em psicologia escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. E é professor do Centro Universitário da Fundação Herminio Ometto de Araras.

Contato:pedro_milanesi@fho.edu.br

É comum pensarmos a loucura e o sofrimento psíquico a partir de seu aspecto incomum, isto é, daquilo que se manifesta de forma inesperada, imprevisível e muitas vezes misteriosa. Excentricidade é um dos nomes que podemos usar para nomear formas de existência que fogem do que comumente encontramos nas relações cotidianas. Na história da Psiquiatria, como relata Foucault (1978), desde a comunhão entre as artes de cuidado e a ciência natural (ambas ainda impregnadas de referências morais-religiosas), o comportamento excêntrico foi paulatinamente visto como transtorno, distúrbio ou, em muitos casos, ridículo. Como a tentativa da Psiquiatria científica de controlar, combater e normalizar os comportamentos exigia explicação desses fenômenos e, tendo aplicado sobre eles os princípios categóricos das ciências – que afirmam que toda explicação deve ter base objetiva, tangível e verificável –, coube aos processos neurofisiológicos fornecer e conduzir as definições necessárias.

Por outra via, vimos, desde os primeiros trabalhos de Karl Jaspers (1997), já aliado à Fenomenologia, a crescente inquietação de que há no sofrimento humano uma dimensão subjetiva, em outros termos, acessível somente pela Fenomenologia. É nesta tradição fenomenológica que Ludwig Binswanger deu sua maior contribuição, que irradiou como talhamento do olhar para o sofrimento humano.

Para o presente artigo, interessa-nos a leitura binswangeriana da excentricidade, pois, como ele mesmo esclarece, tal nome carrega consigo, ao mesmo tempo, o mistério de seu sentido, o caráter incomum de sua manifestação e reconhece a visão jocosa que, comumente, é direcionada às pessoas excêntricas. Em português, cabe esclarecer que, optou-se por traduzir *Verschrobenheit* como “excentricidade”. Porém, a palavra alemã carrega algo mais. Ela indica algo solto, mal parafusado ou fixado. Um correlato que encontramos nas expressões populares brasileiras (lusófonas, até) é o da pessoa “tem um parafuso solto” ou “está fora do cabo”.

Justamente por Binswanger ter dedicado muitos anos para alcançar uma descrição satisfatória da excentricidade, entendemos que esse é um importante guia de leitura e compreensão do sofrimento humano. Este artigo propõe, então, analisar a obra *Três formas de existência malograda: extravagância, excentricidade e amaneiramento*, de Binswanger (1977), buscando elucidar e ampliar a discussão acerca da excentricidade como fundamento para a compreensão do fenômeno do sofrimento humano.

Binswanger e a Fenomenologia

Ludwig Binswanger (1881–1966) nasceu em Kreuzlingen, na Suíça. Foi descendente de uma família de psiquiatras, e dirigiu a clínica de Bellevue, na Suíça, que tinha reputação internacional em sua época. Após se formar na Universidade de Zurique, conheceu no hospital psiquiátrico de Burgholzli Carl G. Jung, com quem posteriormente foi a Viena, em 1907, para conhecer Sigmund Freud. A partir de então, Binswanger construiu uma sólida amizade com Freud, de tal modo a iniciar uma prática clínica de orientação psicanalítica, acreditando que boa parte dos seus pacientes deveriam ser objeto de análise (Alarcão, 2013; Cabestan & Dastur, 2015).

Contudo, para além da admiração que Binswanger teve por Freud e pela Psicanálise, houve algumas objeções no que tange seu envolvimento. A formação de Binswanger não era apenas em Psiquiatria, mas também em Filosofia. Isto implicou o fato de Binswanger estabelecer críticas à noção de inconsciente de Freud, à centralidade da sexualidade ou mesmo à possibilidade de um aparelho psíquico que reduz os humanos a um sistema de atributos orgânicos ligados aos processos naturais prévios. Mas isso não quer dizer que Binswanger tenha rompido com a Psicanálise de modo radical, posto que seu pensamento continua atrelado aos fragmentos de tais pressupostos. Sua trajetória nas ciências médicas foi marcada pelo questionamento dos princípios da Psiquiatria; daí surgiu a necessidade de novos pressupostos para servir de amparo à Psicopatologia e, por extensão, à Psiquiatria e à psicoterapia.

Podemos dizer que sua inspiração filosófica o levou a estabelecer uma comunicação mais sedimentada com a Fenomenologia de Edmund Husserl, formulando assim uma antropologia fenomenológica que fundamentou seu pensamento. Para esclarecer o desenvolvimento do pensamento de Binswanger, Pita e Moreira (2013) apresentam as fases do pensamento do autor, expostas a seguir.

O que ficou conhecido como sua primeira fase foi a presença da Fenomenologia transcendental de Husserl. Em 1922, Binswanger publicou *Einführung in die Probleme der allgemeinen Psychologie* (Introdução aos problemas da psicologia geral, em tradução livre) e *Über Phänomenologie* (Da fenomenologia). Em ambas as publicações, o conceito husserliano de intencionalidade está presente, permitindo que Binswanger se volte à constituição da consciência (Pita & Moreira, 2013). A Fenomenologia husserliana apresenta uma ferramenta metodológica que viabiliza compreender a psicopatologia

ligada a uma especificidade na constituição da experiência intencional do paciente que manifesta a loucura. Portanto, Binswanger busca em Husserl uma forma de ultrapassar o psicologismo ainda presente na psicanálise, levando em consideração a fenomenologia como uma ciência das essências que dispõe de seu método específico na compreensão da loucura. São notórios alguns dos fundamentos que interessam à sua psicopatologia, como evidenciar as experiências fundamentais vividas, em um percurso que trilha do fato particular até a essência pura que ultrapassa o empírico (Binswanger, 1971).

Por conseguinte, Binswanger aproxima-se da ontologia de Martin Heidegger e, já em 1927, aprofunda-se nos detalhes da obra (então) recém-publicada *Ser e Tempo*. Este momento marca um amplo contingente de publicações e uma permanência considerável por um período prolongado no pensamento de Binswanger. Foi o momento em que Binswanger desenvolveu sua Daseinsanálise e produziu a maior quantidade de obras, de modo que diversos estudiosos reconhecem apenas esse momento entre as publicações de Binswanger – descartando as influências de Husserl ou de Freud (Pita & Moreira, 2013).

Este momento contempla a compreensão da Psicopatologia a partir da especificidade humana – compreendida como *Dasein* – apropriando-se da leitura analítica heideggeriana. Enquanto ciência ôntica e preocupada com uma abordagem antropológica da essência individual humana, em contraposição às ciências da natureza, Binswanger explora a existência do ser humano, entendida em sua totalidade como um ser-no-mundo, responsável pela sua própria existência e dispondo da analítica existencial do *Dasein*. Levando em conta toda a ampla descrição do modo-de-ser do *Dasein*, Binswanger enfatiza a noção de projeto de mundo. Dasein é abertura que projeta mundo (em alemão, *Welten Entwurf* – literalmente, rascunho de mundos).

A daseinsanálise de Binswanger constitui-se como um modo de pesquisa rigorosa que busca reconstruir a experiência do sofrimento a partir da noção de projeto de mundo (Holzhey-Kunz, 2018). Nas palavras de Binswanger (1947/2019a, p. 90):

> Com o conhecimento de que são os projetos de mundo enquanto tal que diferenciam o homem doente do saudável, dificultando o entendimento com ele, também ganha de qualquer modo uma nova luz a pergunta sobre a projeção de sintomas patológicos a determinados processos cerebrais. Pois o que está em questão agora não é localizar alguns sintomas psíquicos no cérebro, mas perguntar, em primeira linha, onde e como nós temos de localizar a perturbação psíquica fundamental: reconhecidamente, junto à mudança do ser-no-mundo enquanto tal.

Ademais, a partir da obra *Sonho e existência*, Binswanger (2013) esforça-se por mostrar como o sonhador experiencia o mundo significativo de modo privado do convívio,

não partilhado. Isso leva-o a investir na formulação de que há projetos de mundo singulares, e grande parte de sua literatura desse período, com destaques aos casos por ele analisados, é marcada por extensas descrições do mundo dos pacientes.

O último destaque do período daseinsanalítico vai justamente para a obra aqui investigada, *Três formas de existência malograda* (adiante referido como *Três formas*), de 1956, na qual Binswanger (1977) estabelece a noção de desproporção antropológica como fio condutor para a compreensão do sofrimento humano. "Tal noção talvez seja a maior contribuição de Binswanger para a psicopatologia contemporânea" (Machado, 2019, p. 14).

São esses três elementos – a existência humana compreendida como Dasein (ser-no-mundo); a centralidade dos projetos de mundo e a possibilidade de um projeto de mundo singularizado; e a desproporção antropológica –, que serão aqui aprofundados para explicitar como Binswanger sustenta o argumento acerca da Excentricidade como possibilidade fundamental do fenômeno da loucura.

Embora não seja o foco deste artigo, é importante mencionar que, em sua última fase, há um momento em que Binswanger retoma o pensamento husserliano a partir da interpretação de Wilhelm Szilasi (Pita & Moreira, 2013; Machado, 2019). Além disso, a fase daseinsanalítica foi consideravelmente criticada pelo próprio Heidegger, devido à forma como Binswanger se apropriou de suas concepções. Heidegger levanta algumas objeções contundentes, problematizando a omissão em relação ao ser e a falta de compreensão de Binswanger acerca do caráter ontológico próprio ao existir humano (Heidegger, 2021; Loparic, 2002). Isso acaba por influenciar, de algum modo, a volta de Binswanger em relação a Husserl.

De qualquer forma, assim como na transição da fase psicanalítica para a fenomenológica, a transição de Binswanger de sua fase daseinsanalítica para reaproximação com Husserl não deixou para trás as posições conquistadas e esclarecidas no período daseinsanalítico, a partir das contribuições ontológicas do Dasein[1] (Pita & Moreira, 2013), mas demarcou Binswanger como um pensador comprometido mais com a Psiquiatria que com a filosofia – habitando "os dois mundos", entre Heidegger e Husserl (Machado, 2016). Suas duas últimas publicações, *Melancholie und Manie* (Melancolia e

[1] Vale destacar que os casos publicados por Binswanger, presentes em suas principais obras, são prova da condensação que ele fez ao longo de suas fases. Destacamos aqui o caso Ellen West (Binswanger, 1958), publicado originalmente em 1957 na obra *Schizophrenie* (Esquizofrenia), e o caso Suzanne Urban (Binswanger, 2012), publicado na obra *Wahn*, de 1965.

Mania), de 1960, e *Wahn* (Delírio), de 1965, buscam descrever a estrutura da consciência melancólica, maníaca e delirante a partir da Fenomenologia genética de Husserl, especialmente em seus caracteres de temporalidade. De forma geral, sua intenção não se volta a descrever a constituição do mundo dos pacientes, mas a questionar a estrutura da constituição de mundo(-da-vida) que enlaça os modos singulares dos pacientes (Pita & Moreira, 2013; Machado, 2019).

Percorrendo brevemente sua história, a psicopatologia de Binswanger apresenta traços de psicanálise, antropologia, filosofias da existência e fenomenologia, tornando-se um forte contraponto à psicopatologia das ciências da natureza, que está mais ligada à biologia, às neurociências e à anatomia. Não é tarefa fácil mostrar de modo sintético todo o percurso traçado por Binswanger ao longo da construção de sua psicopatologia, tampouco apresentar seus princípios. Há, de fato, uma quantidade imensurável de antecedentes que ocorreram a Binswanger em sua caminhada de pesquisa e estudos. Contudo, não se pode negar o avanço advindo de seu pensamento, que, diante do modelo psicopatológico hegemônico de sua época – e assim como outros no século XX –, inovou no modo de se fazer ciência e, com efeito, de conhecer a condição humana. Na medida em que respondemos a como se compõe seu pensamento, ilustram-se elementos que evidenciam parte do impacto que Binswanger suscita na psicopatologia.

Seguimos agora para a explicitação das características fenomênicas da existência, a partir de *Ser e Tempo*, para então adentrar nas *Três Formas* e compreender como a desproporção antropológica é importante para se compreender a excentricidade e o fenômeno da loucura de modo geral.

A Analítica do *Dasein* e os Projetos de mundo

Tendo-se em vista que a noção de Dasein é central para Binswanger, considera-se profícuo adentrar em uma breve exposição de como Heidegger o caracteriza. Logo em seu início, no parágrafo nono de *Ser e Tempo,* Heidegger (1927/2012, p. 139) nos fornece a direção fundamental de sua analítica: "O ente que temos a tarefa de examinar, nós o somos cada vez [*je*] nós mesmos. O ser desse ente é cada vez meu [*je meines]*". De modo sintético e ainda não explorado no livro, o filósofo anuncia e ressalta o caráter ek-stático da existência, a êxtase (caráter de ser/estar para fora) é o caminho heideggeriano para dar lugar e leitura a um grande problema filosófico: a mutabilidade característica e a peculiaridade da existência humana. Como afirma Casanova (2017), o caráter estático da

existência humana torna impossível qualquer definição categorial ou delimitação definitiva de seu ser. O destaque ao *je (*usado, por exemplo, em *Jemeinigkeit*, ser-cada-vez-meu – como veremos a seguir), étimo alemão para indicar "'a cada vez' e em 'cada caso'" (Borges-Duarte, 2003, p. 88 – nota 3), indicará, na obra, tal impossibilidade. O filósofo então continua: "[...] no ser desse ente, ele tem de se haver ele mesmo com seu ser. Como ente desse ser, cabe-lhe responder pelo seu próprio ser. O ser ele mesmo é o que cada vez está [*je*] em jogo para esse ente" (Heidegger, 1927/2012, p. 139). Quer dizer, na impossibilidade de alcançar uma definição conceitual ou categorial, o ser do Dasein só pode ser conhecido a partir de seu acontecimento, da sua existência. Além disso, de forma mais ampla, todo Dasein existe e acontece a partir de uma relação com o ser dos entes em geral (tema principal da filosofia heideggeriana).

Com as duas implicações que irradiam do modo de acontecimento do existir humano, a saber, a impossibilidade de uma determinação prévia, que implica ao Dasein a tarefa de *ter-de-ser* (Heidegger, 1927/2012, p. 139), e a condição de sendo estar em jogo com seu próprio ser (p. 141), queremos destacar o caráter essencial do Dasein:

> A "essência" desse ente reside em seu *ter-de-ser*. O ser-que (*essentia*) desse ente, na medida em que, em geral, disso se pode falar, deve ser concebida a partir do seu ser (*existentia*). Nisso está precisamente a tarefa ontológica de mostrar que, ao escolhermos para o ser desse ente a designação de existência, o termo não tem e não pode ter a significação ontológica do tradicional termo *existentia*, o qual, segundo a tradição, dignifica ontologicamente, tanto como *subsistência*, um modo-de-ser que não convém essencialmente ao ente que tem o caráter do *Dasein*. (p. 139).

Esta primeira descrição de Heidegger (1927/2012) do modo de ser do Dasein torna exclusiva a palavra (assim como existência) para denominar o ser humano, afastando-se do uso comum da filosofia – que indica ser existente algo que está aí, presente, independentemente de suas propriedades. A existência é então entendida etimologicamente como Ek-sistere, ou ser para fora – um correlato do Da-Sein. Em complemento, Heidegger (1927/2012) destaca:

> A "*essência*" do Dasein *reside em sua existência*. Os caracteres que podem ser postos à mostra nesse ente não são, portanto, "propriedades" subsistentes de um ente que subsiste com este ou com aquele "aspecto", mas modos-de-ser cada vez possíveis para ele, e somente isso. Todo ser-assim desse ente é, primariamente, ser. Por isso, o termo "*Dasein*" com que designamos esse ente não exprime o seu *que*, como é o caso de mesa, casa, árvore, mas o ser. (p. 141).

Heidegger afirma que o Dasein não possui uma natureza definida e, portanto, não podemos conhecê-lo por meio de uma análise de propriedades ou pela busca da elucidação da essência a priori desse ente – tal como a filosofia tentou com as coisas em geral. Em vez disso, o filósofo apresenta uma longa descrição na qual afirma que o Dasein só pode ser conhecido a partir do acompanhamento temporal-histórico de seu existir, pois

ele se apresenta sempre em modos-de-ser.

Neste sentido, para Heidegger (1927/2012), a existência humana nunca pode ser apreendida de forma genérica, pois, no limite, cada Dasein tem em jogo seu próprio ser. Ao invés de características gerais, Heidegger propõe conhecer o ente humano a partir de seu acontecimento, elucidando analiticamente como, a partir dos modos-de-ser, a existência humana acontece. Por isso, as sessões da obra são divididas para destacar a importância de compreender a realização do Dasein em modos-de-ser[2] (Casanova, 2014; 2017). Existem diversos modos-de-ser, mas, no limite, resumem-se a dois: o ser absorvido no mundo histórico – uma vez que a historicidade humana, ou tradição, opera como uma espécie de ponto de partida incompleto para toda existência; e o ser em sua historicidade própria, isto é, diante da própria indeterminação. Em ambos os modos, a temporalidade (ser no tempo finito de ser) é a característica decisiva para a compreensão de tudo o que é e que há.

Binswanger, leitor de Heidegger, compartilha a posição de que o Dasein é o único ente capaz de compreender sua existência projetando o futuro; por isso, sua análise das condições de sofrimento da existência operará em termos de formas de existir ou modos-de-ser, e não de propriedades presentes ou ausentes – como ocorre no pensamento psicopatológico e psiquiátrico clássico. Para Binswanger, como para Heidegger, trata-se de um ente que se fundamenta e se realiza em sua existência a partir do sentido (no mundo). Tudo o que o Dasein é se dá *enquanto* suas possibilidades, mais ou menos assumidas, de modo mais ou menos expresso (na abertura temporal).

Dito isso, podemos avançar para a apresentação de quais aspectos da filosofia de Heidegger estão presentes na daseinsanálise de Binswanger – entendida como um "terceiro" campo etiológico de investigação das psicopatologias, independente do campo somático ou psíquico. Binswanger encontra na analítica do Dasein, conforme proposto por Heidegger, um espaço para investigar a existência do ser humano, considerando-a em sua indeterminação própria (dessubstancialização e dessubjetivação) presente na concepção de projeto (*Entwurf*) (Binswanger, 1977).

Dasein, para Heidegger (1927/2012), é um ente sem propriedades prévias e impossível de ser conhecido por conceitos gerais. Sua indeterminação, contudo, traz

[2] Cabe destacar e lembrar que o interesse de Heidegger em *Ser e Tempo* é ontológico-fundamental; ou seja, a análise do Dasein é o caminho necessário para recolocar fenomenologicamente a questão do ser em geral e reorientar toda a filosofia. Aqui, demos ênfase na existencialidade do Dasein, pois é o que mais interessa a Binswanger.

consigo o primado da história. Como explicita Casanova (2014; 2017), existir como Dasein é sempre ter referências precárias e, por isso, a história tem um peso singular para nós. É ela, enquanto tradição humana, quem opera, de início e na maioria das vezes, como campo prévio de orientação. É a partir dela que, coadunando com a indeterminação própria ao existir, manifesta a importância e a característica de o Dasein sempre projetar (no sentido etimológico, pró-jectum, lançar adiante). Quer dizer que cada acontecimento abre ao Dasein um campo de possibilidades significativas, mais ou menos específico e mais ou menos amparado na historicidade do mundo partilhado – sua condição fática. Em outras palavras, para Heidegger (1927/2012), e também para Binswanger (1977; 2013), o Dasein está previamente aberto na história e em sua experiência, mas nunca completamente – daí a razão de não haver determinações, mas projetos. Assim, compreender (*Verstehen)* algo é já o inserir como possibilidade própria de ser, não havendo distância entre compreensão, interpretação e aplicação (Gadamer, 1999).

Ademais, como já referido aqui, a partir dos estudos sobre os sonhos (Binswanger, 2013), Binswanger passa a defender a existência e primazia de um mundo próprio, responsável por articular e expressar os projetos de mundo, seja na forma de características individuais, seja na forma de sintomas e sofrimento. A proposta de Binswanger é que passemos a olhar e compreender os sintomas a partir da crescente apreensão do projeto de mundo, do qual cada paciente é, para então traçar e esclarecer os traços estruturais do sofrimento humano.

A relação de Binswanger com a existencialidade do Dasein (primado da existência sobre a substância) e com a noção de projeto (*Entwurf*, primado da temporalidade e historicidade), desenvolvidos por Heidegger, faz com que o autor sempre se pergunte, ante uma pessoa adoecida psiquicamente: qual projeto de mundo e da existência tornou possível tal modo-de-ser? A resposta, segundo ele, só pode ser elaborada compreendendo-se a história que cada paciente é, em sua singularidade, e deve ser feita em conjunto, em parceria com o próprio paciente, dado seu caráter ontológico de abertura e projeto (Holzhey-Kunz, 2018; Binswanger, 1935/2019b).

A apropriação dos modos-de-ser como via privilegiada de compreensão do ser humano traz a Binswanger a possibilidade de pensar em termos de ascensão e queda. Esta é uma discussão que se inicia em *Sonho e Existência,* obra onde Binswanger interpreta os sonhos em suas dimensões existenciais, tomando por base o diálogo entre importantes helenistas (como Werner Jaeger) em articulação ao pensamento de Heidegger

(Binswanger, 2013). Para Binswanger, a ascensão e a queda são movimentos de aproximação e distanciamento do Dasein em relação ao seu modo de ser, distinto dos outros entes (em sua singularidade, finitude, indeterminação e temporalidade). A ascensão mostra a proximidade criativa a tais características e a queda seria a proximidade destrutivo-disruptiva ou a alienação (absorção irrefletida no mundo historicamente sedimentado) do Dasein em relação a elas.

Este encontro abre um modo de apreensão da existência em sua forma mais originária e no seu acontecimento próprio *(Geschichtlichkeit* – outro modo de dizer historicidade). Em síntese, é interessante salientar a maneira como Binswanger, como veremos, se apropria das referências heideggerianas. As três formas de malogro (ou queda) da existência descritas por Binswanger (extravagância, excentricidade e amaneiramento) apresentam níveis próprios de ascensão e queda. O equilíbrio entre as direções de sentido constitui aquilo que Binswanger chama de proporção antropológica do existir, enquanto Heidegger nos mostra as características fundamentais da existência (algumas vistas aqui, como ser-no-mundo, abertura compreensiva, projeto, historicidade etc.) como constitutivos do existir humano. Tais estruturas pertencem à essência do ser humano, não havendo a possibilidade de não as possuirmos ou delas prescindir. Entretanto, a existência que começa a se dar no modo do malogro pode acabar alterando, distorcendo ou bloqueando suas coordenadas existenciais no tocante ao tempo, espaço, na corporeidade e na relação com os outros (Chamond, 2011). Assim, quando há essa forma de desproporção antropológica na existência, ela se encontra presa de modo diverso ao comum, ao mundo em que habita, como acontece, por exemplo, com os esquizofrênicos (Pita & Moreira, 2020). É nessa direção vertical da existência (e não a partir de conceitos como normalidade e patologia, função e disfunção, perturbação ou transtorno), segundo as estruturas da temporalidade, que podemos diferenciar melhor as formas mais ou menos próximas ao modo próprio do Dasein acontecer, e pensar as experiências de sofrimento humano.

Da desproporção antropológica às formas de existência malograda

Três Formas de Existência Malograda foi publicada no ano de 1956. A obra é dividida em três seções, cada qual se aprofundando em aspectos pertinentes ao malogro da existência (Dasein). As sessões “II” e “III” se ramificam em partes agrupadas por letras (A, B, C, D etc). Somente a primeira sessão (a respeito da extravagância) é discutida em

texto mais sucinto, ampliando discussões já publicadas por Binswanger (Machado, 2016). A excentricidade e o amaneiramento são mais destacados pelo olhar daseinsanalítico, de forma que Binswanger se debruça sobre ambos os fenômenos de modo similar. Extravagância e excentricidade são discutidas desde sua natureza etimológica, passando pela linguagem coloquial e suas perífrases (onde são ilustradas diferentes concepções regionais), suas concepções clínico-psiquiátricas até chegar às suas significações antropológicas e ontológicas – esta última parte seguida de exemplos clínicos oriundos das pesquisas do autor.

O título *Três Formas de Existência Malograda* já anuncia a possibilidade de o ser humano existir de modo malogrado. Ora, se há uma forma malograda, também deve haver uma bem lograda. Binswanger mostra que é possível empregar a noção de bem logrado dentro da noção de "proporção antropológica" do Dasein, e ocorre o oposto quando se trata de extravagância ou excentricidade – que é designada em torno de uma "desproporção antropológica" malograda.

Vale lembrar que se trata de uma obra traduzida do alemão; portanto, é importante atentar-se à semântica empregada por Binswanger e ao desafio da tradução. O título original, *Drei Formen Missglückten Daseins*, indica o modo de ser (*Formen*) do existir humano (*Dasein*) em seu possível "fracasso" (*Missglückten*). A opção de se traduzir *Missglückten* por "malograda" é interessante e merece atenção. Literalmente, *Missglückten* é composto por *miss-*, correlato ao des- em português, que indica negação ou privação; já *Glück/glücken* é um substantivo/verbo que indica sorte, felicidade ou sucesso. Assim, *Missglückten* indicaria fracasso (em tradução corrente). "Fracassado" e "malogrado" são termos próximos, mas diferentes. Em português, "malogrado" significa mal-logrado, sem lugar, o que sugere, como veremos, uma tradução interpretativa, pois o que está na base das experiências descritas no livro é a desproporção em relação às suas comunidades de referência – malogro, em outras palavras.

As três formas são nomeadas já no título, de modo que extravagância é o correlato do étimo alemão *Verstiegenheit*, que, em linguagem comum, pode ser traduzido como ousadia, no sentido de exagero, de extra-vagar; excentricidade é a tradução de *Verschrobenheit*, que também pode ser traduzido como inquietação, no sentido de agitação irritada e excessiva, mas faz alusão ao uso coloquial do verbo *Sich Schroben*, que indica alguém "com parafuso solto"; e, por fim, amaneiramento é a tradução de *Manieriertheit*, que é um adjetivo usado para descrever pessoas que têm acentuados bons

modos e boa etiqueta. Vale destacar que as duas primeiras formas descritas contêm o prefixo *Ver-* (*Verstiegenheit* e *Verschrobenheit*), que, em alemão, cumpre a função de intensificação, deterioração e/ou inversão do verbo radical. Todas as palavras são adjetivações de verbos, o que indica e acentua seu caráter de qualidade (de alguém).

Nesse sentido, entre as inúmeras contribuições de *Três Formas* para o campo da Psicopatologia, daremos destaque à noção de desproporção antropológica formulada por Binswanger. Esta noção, de acordo com Messas e Fukuda (2018), é uma importante noção investigativa e clínica que não cessa de se multiplicar no cenário científico. O que se encontra com tal noção é uma explicitação indicativa e fecunda da própria condição ontológica dos transtornos mentais – pouco considerada durante o desenvolvimento da Psicopatologia enquanto ciência – ou, como aponta Kendler (2016), para a problemática de variedade de "intersecções" neste campo de estudos.

A desproporção antropológica pode ser entendida como uma estrutura da existência humana, uma possibilidade da estrutura existencial antropológica deslocada[3] (Binswanger, 1977). A explicação apresentada pelo psiquiatra refere-se a uma postura do indivíduo que amplia sua relação com o mundo em termos de sentido, horizonte e circunvisão (*Umsicht*), organizadores dos meios. Do alemão *Verstiegenheit,* enquanto terminologia que se traduz como "extravagante" para a língua portuguesa, foi usada por Binswanger para caracterizar a desproporção do *Dasein* que extrapolou com altura ou amplitude sua forma de ser-no-mundo.

Tendo isso em vista, seria pertinente expor, segundo Machado (2018), o conceito de altura e amplitude. Altura está ligada à possibilidade de sobrevoo, de construir algo, generalização e idealização que constituem os modos-de-ser; também está relacionada, segundo Binswanger (1977), à constituição daquilo que Heidegger (1927/2012) descreveu como mundo próprio (*Eigenwelt*), carregando consigo a autopercepção, os juízos próprios e identitários de cada *Dasein*. Já a amplidão diz das nossas experiências sensoriais e relacionais situadas – como dizemos popularmente, "com os pés no chão" – , em que uma gama de possibilidades outras de pensar, julgar e ser se abre na e pela complexidade de cada situação. Para Binswanger (1977), a proporção antropológica seria a harmonia entre essas duas dimensões, quando a altura dos modos-de-ser amplia e dá

[3] Cf. melhor a respeito em *Três Formas*, onde Binswanger descreve a desproporção antropológica como fundamento da extravagância, inicialmente, para, nas sessões sobre excentricidade e amaneiramento, demonstrar como a desproporção antropológica é o fio condutor de seu entendimento (Binswanger, 1977).

exuberância às situações, ao mesmo tempo que a amplidão corrige e reorienta as idealizações e os juízos, permitindo trânsito e enriquecimento de ambos.

Se pensarmos em figuras geométricas, conseguimos visualizar a relação entre proporção e desproporção. A proporção assumiria a forma de um cone, pois tem certa altura que se afunila, mas se mantém em pé pela base alargada. A desproporção de alturas assemelha-se a um cilindro, ou mesmo a um cone invertido, onde há grande presença de ideais que fazem pouca ou nenhuma conexão com as situações vividas. Como exemplo, temos o caso, narrado por Binswanger (1977), de um pai que dá um caixão de presente de Natal para sua filha, logo após ela ter sido diagnosticada com uma doença letal.

Por outro lado, a desproporção de amplidão assemelha-se a um disco, em que o imperativo de cada situação se finda nela mesma, dificultando e impedindo boa parte das possibilidades de elaboração, registro ou permanência. O exemplo disso é o caso do professor que desaconselhou seus alunos a ler um poema famoso porque nele estava escrito: “era como se houvesse o céu beijado a terra em silêncio” (Binswanger, 1977, p. 61) – pois “estaria claro como o dia que o céu não pode beijar a terra” (p. 61).

De todo modo, a obra apresenta as ameaças inerentes à existência humana, que podem ser descritas a partir de suas modulações. Essas modulações referem-se a uma desproporção em relação às orientações do mundo, enquanto a existência bem lograda é caracterizada pela comunhão e pelo compartilhamento (Machado, 2018). A desproporção antropológica, em virtude de

> Privado da *communio* e da *communicatio*, o ser-aí não consegue mais, agora, ampliar, rever ou examinar seu “horizonte de experiências” e fica *parado* num ponto de vista “tacanho”, isto é, estreitamente limitado. Assim, o ser-aí “empacou”, é verdade, ou obstinou-se, mas ainda não extravagou. Pois, a condição de possibilidade da extravagância implica, além disso, que o ser-aí suba *mais alto* do que convém à sua amplidão, ao seu horizonte de experiências e de compreensão, ou por outras, que extensão e altura não se encontrem numa relação proporcional (Binswanger, 1977, p.17).

A manifestação qualitativa do sofrimento envolve uma essência antropológica, compreensível por meio do método fenomenológico. Por conseguinte, assume-se que toda experiência convencionalmente chamada de loucura ou transtorno psíquico, em sua essência, apresenta uma disposição de desproporções que prejudicam o livre desenvolvimento da existência (Messas & Fukuda, 2018). Este é o plano no qual Binswanger se debruça de modo a contribuir para a psicopatologia, ampliando o escopo da loucura para modos de ser existenciais em suas dimensões de proporção ou desproporção antropológica, indo além de considerações da clínica psiquiátrica tradicional

(Messas & Fukuda, 2018).

É notório, portanto, que Binswanger não se limita a descrever categorias clínicas a partir de constatações biológicas, fisiológicas ou neurológicas. O sofrimento humano, de modo geral, parte de uma forma de sentido distorcida do ser-aí em seu horizonte de experiências e possibilidades com o mundo. E a noção de desproporção antropológica emerge como um norteador para o psiquiatra ou psicólogo clínico "visualizar" tais formas de sofrimento em sua expressão ontológica-existencial.

Excentricidade: entre Extravagância e Amaneiramento

Binswanger compreende os modos-de-ser da extravagância, excentricidade e amaneiramento (modos não defeituosos, mas mal-logrados em relação à sua *communio* de referência) de uma maneira que repercutiu fragorosamente em uma compreensão diferente da psicopatologia vigente. Binswanger, em *Três Formas*, volta-se para a compreensão existencial dos modos de existência em sofrimento e suas possíveis transformações a partir dos projetos de mundo. Ele aponta para o olhar psiquiátrico de sua época, que estava permeado por impressões externas da loucura e compreendidas pela linguagem coloquial[4]. Isso, por sua vez, implica em pouca precisão na linguagem médica ao deter um sentido unívoco para a loucura, similar ao modo de conhecer do senso comum (Tamura & Messas, 2023).

As noções que Binswanger propõe nada mais são do que aspectos da existência humana envolvidos pela possibilidade da relação entre a pessoa e o mundo, que pode se aproximar ou se afastar da realidade (entendida como modo público de ser no mundo, sob a prevalência do mundo partilhado e circundante – respectivamente *Mitwelt* e *Umwelt*). Assim, manifesta-se a proporção antropológica, caracterizada pelo momento em que a pessoa "sobe", aproximando-se das exigências da existência, e "desce", conectando-se às suas experiências e mundo (ser-no-mundo) partilhado[5]. Este movimento de "subir" e "descer" na proporção antropológica é uma característica da existência humana, na qual

[4] Binswanger mostra as diversas terminologias com as quais a clínica psiquiátrica do início do século XX compreende a loucura segundo a linguagem coloquial. Este é um fator importante que o autor evidencia ao refletir posteriormente sobre a importância do sentido ontológico e antropológico da doença mental, cuja abertura possibilita alguns passos para uma investigação daseinsanalítica.

[5] É possível explicitar a (des)proporção antropológica a partir da relação entre as três instâncias do mundo descrita pelo jovem Heidegger (1922/2002): o mundo circundante (*Umwelt*), o mundo comum/partilhado (*Mitwelt*) e o mundo próprio (*Eigenwelt*). Embora o filósofo tenha, em *Ser e tempo* (Heidegger, 1927/2012), revisto a relação entre essas instâncias, insistindo na mútua determinação entre elas, a leitura de Binswanger pode ser considerada esclarecedora.

todos os indivíduos passam por momentos de desproporção e, em decorrência, se afastam da realidade compartilhada devido à própria condição existencial. Para esclarecer esse ponto, Almeida (1977) acrescenta uma nota a respeito da extravagância.

> Para compreendê-la em seu pleno sentido é preciso ter em mente as conotações que conserva de sua derivação do verbo (*sich*) *versteigen*. *Sich versteigen* (que deriva por sua vez de *steigen* = subir) significa, em seu pleno sentido próprio, extravagar ou extraviar-se, ir longe demais e perder-se ao subir, como por exemplo o alpinista que, ao se atrever a escalar uma passagem difícil, vê-se perdido, "encalacrado" numa posição sem saída e sem retorno possível, e da qual só pode ser salvo mediante ajuda de terceiros. Em sentido figurado, *sich versteigen* significa exceder-se (com atrevimento), demasiar-se, exorbitar, ultrapassar os limites do razoável, ir longe demais e além do razoável em suas ideias, opiniões, comportamento etc. Por exemplo: "*er verstieg sich zu einer übertriebene Forderung, zu einer überraschenden Behauptung, zu der Hoffnung, dass*..." = "ele foi longe demais com uma exigência exagerada, com uma afirmação surpreendente, com a esperança de . . .". (p. 13, nota do tradutor).

O modo de ser da extravagância é descrito por Binswanger (1977) como sendo: "[...] uma desproporção entre a 'amplidão da existência' e a 'elevação da problemática' da existência humana, ou, para falar com Ibsen, a desproporção entre a elevação da capacidade de construir a própria capacidade de subir" (p. 11–12). Antes de ser um comportamento ou um pensamento, a extravagância tem raízes profundas na desproporção das estruturas existenciais – estruturas essas apriorísticas e fundamentais – e possibilitam ao Dasein mostrar-se como ser-no-mundo. Essa desproporção eleva-se a uma verticalidade em paralelo ao encurtamento do âmbito da existência, o que resulta em um perder-se ou atolar-se (sentido inverso também contemplado como *Verstiegenheit*), extra-vagar, de onde o Dasein não consegue voltar por conta própria, caracterizaria, assim, um modo-de-ser patológico, marcado pela restrição das possibilidades e ser do Dasein (Gonçalves & Messas, 2015).

No que se refere ao amaneiramento, pode ser caracterizado pela repetição mecânica de ações e comportamentos sem um verdadeiro envolvimento com o próprio eu. É como um Dasein preso em uma rotina, uma maneira de ser que não reflete sua autêntica liberdade. É importante deixar claro que, para esclarecer essas estruturas – como ressaltado na extravagância –, Binswanger se utiliza de um objetivo e de um método específicos, que primam por um entendimento acerca das origens das formas de linguagem coloquiais.

> O plural de *maneiras* designa o modo de se lidar ou tratar em geral no contexto do mundo ambiente, do mundo social ou do mundo privado, tanto sob um ponto de vista sociológico quanto psicopatológico. Com as expressões *amaneirado* e *amaneiramento*, a linguagem coloquial designa, por sua vez, uma maneira esquematicamente exagerada. [...] às palavras servem para significar a extravagância e a excentricidade, se referem meramente ao efeito exercido sobre o espectador, ouvinte ou leitor (no sentido do pasmar), ou por outras palavras, as que se referem às impressões suscitadas pelo que chama a atenção, surpreende, torna perplexo ou desconcerta, pelo estranho, esquisito, fora do comum, excêntrico etc. (Binswanger, 1977, p. 108–109).

Com isso, Binswanger aponta para a frequência de uma imitação e da *mimesis* no amaneiramento. É como uma falta de consciência, significado e autenticidade, em que o Dasein está preso a padrões repetitivos. Trata-se de um autoengano diante da angústia (vertigem da liberdade), em que o amaneirado exibe máscaras em uma tentativa desesperada de alcançar uma estabilidade existencial por meio da superabsorção no cotidiano (Tamura & Messas, 2023).

Em seguida, e não menos importante, a excentricidade traz alguns desdobramentos que articulam e reúnem elementos centrais dessas concepções. Como já se sabe em sua corrente de pensamento, Binswanger enfatiza a necessidade de se entender os fenômenos existenciais a partir da perspectiva do indivíduo inserido, e nunca destacado, de seu campo de relações e lugar/momento de acontecimento. Todas as estruturas destacam a experiência do *Dasein* em sua relação com a existência e o mundo circundante[6]. Embora interrelacionadas, todas as estruturas supracitadas são diferentes em suas essências, exibindo a pluralidade ontológica da experiência humana em situações de sofrimento psicológico. Binswanger (1977) explica que, assim como as outras estruturas, a excentricidade se apresenta com um caráter estranho, anormal, esquisito e incomum, à luz de um comportamento de giro, em termos de um desvio ou afastamento, desde um centro.

Para entendermos os princípios da excentricidade (bem como de qualquer uma das estruturas), precisamos ter em mente que tais modos de existência malograda são modos singulares de ser-no-mundo, bem como ter em vista que não há uma alteração da estrutura ontológica do Dasein (Rodrigues, 2015), mas um modo diverso em relação à *communio* à qual aquele Dasein pertence. A palavra excentricidade, em alemão, é *Verschrobenheit*, frequentemente usada como sinônimo de *Exzentrizität* (excentricidade), porém com radical diferente. Isso ajuda na compreensão da amplitude que Binswanger (1977) deseja ao escolher o termo. *Verschroben* é derivado da expressão antiga *Verschrauben,* cujo verbo radical é *Sich schrauben* – parafusar, fixar. Por outro lado, *Verschrauben* ficou coloquialmente conhecido como expressão para indicar a característica de alguém que não tem os comportamentos em ordem comum ou, como é

[6] "Mundo circundante" (*Umwelt*) marca a necessidade constante de o *Dasein* se orientar no e pelo meio ambiente, pelo contexto. Sendo sempre historicamente constituído (também pelo Dasein), o mundo circundante é responsável por fornecer a todos nós uma referência que, de início e na maioria das vezes, orienta nossos comportamentos, nossos modos de organização e nosso senso prático (tácito) (Heidegger, 1927/2012).

similar em português, com parafusos frouxos ou faltando (Binswanger, 1977). Comumente, a excentricidade é marcada por uma tendência da existência de se isolar do mundo comum, em busca de um mundo interno diferente e mascarado. É como um refúgio para se isolar da realidade partilhada, tornando-se absorta em seus próprios pensamentos e fantasias – tal como a figura caricata do louco indica. Para Binswanger (1977), contudo, a questão da desorganização é vista como um modo peculiar e isolado de organização do mundo circundante do Dasein, no que tange à sua rede de referências que confere um determinado sentido aos entes. Destarte, a estrutura excêntrica é marcada por um malogro na circunvisão (*Umsicht*) organizadora na proporção da comunidade de pertencimento, tal como é destacado em cada um dos cinco exemplos clínicos que Binswanger apresenta em *Três Formas*.

Sobretudo na excentricidade, o Dasein perde ou recebe de maneira diversa as referências e orientações oriundas do mundo histórico (partilhado), habitando acentuadamente e de forma díspar o mundo próprio. Por outro lado, Binswanger (1977) relaciona essa experiência a uma possibilidade mais livre do Dasein presente na vida de artistas – mas sem a possibilidade de tal expressão. Seria, então, a restrição da *communicatio* a chave para compreender o sentido do sofrimento. Ademais, uma das noções mais adequadas para compreendermos o malogro do Dasein concerne ao fato de ele abdicar das possibilidades de existência de seu ser, desviando-se ou extraviando-se a respeito de si mesmo (Binswanger, 1977). Dessa forma, o Dasein tem uma autêntica movimentação histórica que se constitui em um horizonte temporal, mas pode vir a "estagnar" no caso do malogro; ou seja, padecendo e manifestando-se enquanto psicose ou esquizofrenia, por exemplo. Neste sentido, o malogro do Dasein, enquanto abdicação das suas possibilidades inerentes, emerge como uma crise ontológica que caracteriza a própria essência da experiência da loucura. Tal leitura acerca da condição humana nos permite compreender que todo sofrimento, seja físico, mental ou social, é também e ao mesmo tempo sofrimento existencial (ontológico).

Para Binswanger, um entendimento mais rigoroso seria uma análise do presente quadro que vai além das impressões e manifestações externas de cada existência malograda. Faz-se necessário analisar, seguindo parâmetros próprios de cada *Dasein,* o ser-no-mundo da loucura, dando-lhe posse da palavra para exprimir o seu entendimento de ver os entes (Tamura & Messas, 2023).

Para des-fechar

Em linhas gerais, Binswanger (1977) denuncia a falha da linguagem psiquiátrica tradicional em abordar a complexidade ontológica do sofrimento humano, ao mesmo tempo em que defende a importância de deixar que os excêntricos “tomem a palavra” (p. 82) – para que seja possível compreendê-los a partir de seu próprio acontecimento existencial. Dessa forma, Binswanger busca subsídios para fundamentar, com rigor, uma Psiquiatria e Psicopatologia unitárias e autônomas. Seu questionamento é, contudo, radical, pois se direciona às bases do pensamento psiquiátrico de sua época. No entanto, tal crítica levanta a questão das bases que devem ser consideradas. Seguindo seu entendimento da analítica existencial de Heidegger, um direcionamento para um movimento existencial do ser humano, orientado pelo sentido do ser, aparece como caminho confiável: o próprio acontecimento humano, enquanto existência, situado deve ser o fundamento mesmo de toda Psicopatologia.

Neste ponto, como se demonstrou, a excentricidade concerne à condição que transcende as descrições clínicas ou psicológicas triviais e é traço marcante em toda experiência de dissonância e desamparo – com ou sem sofrimento. Portanto, é difundido o entendimento de uma maneira única dos humanos serem no mundo – que talvez, no caso da excentricidade, desafie as normas convencionais de utilidade e funcionalidade.

Não se pode negar que *Três Formas* contempla um robusto exercício de criação de uma Antropologia que visa oferecer bases para uma prática psicoterápica (para além da psicopatologia). Se visto que Heidegger se refere à sua analítica do Dasein como uma análise ontológica das estruturas da existência humana, com a concepção de Binswanger, temos um axioma de pensamento sobre o fenômeno do sofrimento, com uma questão específica, psicopatológica, na existência humana.

Vivendo entre dois mundos, Binswanger traz, pela excentricidade entendida à luz da (des)proporção antropológica, uma lição fundamental até os dias de hoje: a impossibilidade de pensar categorias patológicas descoladas do contexto das vidas que são e estão em risco e jogo. Podemos considerar essa acepção de Binswanger de grande fecundidade, se vista a partir dos desafios e discussões acerca das concepções de saúde (como em Ayres, 2007; 2008 e Almeida-Filho & Ayres, 2025) – tão necessárias para se lidar com a realidade brasileira. Uma vez que, segundo os autores, especialmente o campo da saúde está submergindo cada vez mais na racionalidade instrumental (que admite

como critério de sucesso o emprego adequado de técnicas resolutivas para problemas pré-estabelecidos), perdendo-se de vista a complexidade humana que se desvela e se rearticula a partir de cada situação. Discussões no campo da hermenêutica da saúde apontam para a necessidade urgente de se harmonizar o êxito técnico (oriundo das tecnociências da saúde) ao sucesso prático, isto é, aquele conquistado a partir de sensibilidade humana e compreensão hermenêutica de cada situação. Assim, em consonância com a proposta de Binswanger (1975), a noção de existência malograda, ao afirmar que existir é movimentação histórica e situada que carrega em si a possibilidade de estagnar, atesta também que nesta mesma situação podemos encontrar a oportunidade para o cuidado ao sofrimento (Morato & Milanesi, 2022).

Ao analisar uma obra que versa sobre um entendimento fenomenológico do sofrimento humano, este artigo visa oferecer um olhar alternativo à compreensão da clínica psiquiátrica tradicional. Atualmente, essa perspectiva pode ser valiosa para práticas clínicas mais centradas no indivíduo, além de destacar a importância de se considerar não apenas os comportamentos observados, mas as formas de existir de pessoas com transtornos mentais graves. Em um contexto contemporâneo, no qual ainda se discute a medicalização dos corpos, trazemos à tona uma pesquisa que analisa *Três Formas*, de modo que suas ideias atravessam décadas e chegam até os dias atuais como uma compreensão mais profunda, sempre comunitária e contextual do sofrimento.

Contudo, são raras as pesquisas no Brasil sobre o pensamento e obras de Binswanger, pois há poucas traduções de suas obras disponíveis na língua portuguesa. Pesquisadores que não dominam a língua alemã ficam sujeitos a análises secundárias ou comentários de terceiros. Portanto, a restrição no acesso aos conteúdos originais dificulta a compreensão global do pensamento do autor. Embora *Três Formas* forneça uma rica base teórica, a transposição de seus conceitos para a prática clínica pode ser desafiadora – especialmente no cenário clínico contemporâneo, onde muitas vezes se privilegiam abordagens biomédicas por serem mais práticas e imediatas.

Desse modo, podem-se propor novas pesquisas capazes de contribuir para reverter este cenário. Entendendo que a falta de traduções implica dificuldades para se pesquisar sobre Binswanger, consideramos interessante que haja avanços futuros que se concentrem na tradução de seus escritos. Além disso, também consideramos pertinente a realização de pesquisas empíricas que busquem vincular os pressupostos de *Três Formas* à prática clínica contemporânea. Estudos desse tipo podem ampliar a perspectiva

de como a daseinsanálise pode ser utilizada no contexto atual de saúde mental, bem como em estudos no campo psicopatológico. Ainda mais se considerarmos a realidade atual do Brasil, cujas condições existenciais são distintas do mundo habitado por Binswanger, enfrentaremos desafios para se estabelecer uma Psiquiatria, uma psicoterapia e uma Psicopatologia – tal como Binswanger apela – situadas.

Referências bibliográficas

Alarcão, G. G. (2013). A amizade de Freud e Binswanger sob a perspectiva fenômeno-estrutural. Rev. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea.* 2(2), 66-87. https://doi.org/10.37067/rpfc.v2i2.1036

Almeida-Filho, N., & Ayres, J. R. C. M. (2025). Intersubjetividad y modos de cuidado en salud: Sensibilidad eco-etno-social y competencia tecnológica crítica para la calidad-equidad en la salud. *Salud Colectiva*, *21*, e5763.

Ayres, J. R. (2007). Uma concepção hermenêutica de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, *17*(1), 43–62. https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100004

Ayres, J. R. (2008). Para comprender el sentido práctico de las acciones de salud: Contribuciones de la hermenéutica filosófica. *Salud Colectiva*, *4*(2), 159–172. https://doi.org/10.1590/S1851-82652008000200005

Binswanger, L. (1922). *De la phénoménologie*. In L. Binswanger, *Introduction à l'analyse existentielle* (pp. 79–117). Paris, França: Les Éditions de Minuit.

Binswanger, L. (1958). The case Ellen West: an anthropological-clinical study. In R. May, E. Engel & H. F. Ellenberger. *Existence:* a new dimension in psychiatry and psychology (p. 237-364). New York: Basic Book.

Binswanger, L. (1977). *Três formas de existência malograda: Extravagância, excentricidade, amaneiramento*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores (Obra originalmente publicada em 1956).

Binwanger, L. (2012). O caso Suzanne Urban. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 2012, 1 (1), 198-344. Recuperado de https://revistapfc.com.br/rpfc/article/view/1051/1051

Binswanger, L. (2013). *Sonho e existência*. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita.

Binswanger, L. (2019a). Sobre a corrente de pesquisa daseinsanalítica na psiquiatria. In L. Binswanger, *Psicoterapia e análise existencial* (p. 53-90). Trad. Marco Casanova, Rio de Janeiro: Via verita (texto originalmente publicado em 1947).

Binswanger, L. (2019b). Sobre a psicoterapia. In L. Binswanger, *Psicoterapia e análise existencial* (p. 17-51). Trad. Marco Casanova, Rio de Janeiro: Via verita (texto originalmente publicado em 1935).

Cabestan, F. & Dastur, P. (2015). *Daseinsanálise:* fenomenologia e psiquiatria. Rio de

Janeiro: Via vérita.

Casanova, M. (2014). *Compreender Heidegger*. São Paulo: Vozes.

Casanova, M. (2017). *Mundo e historicidade: existência e mundaneidade*. Vol. I. Rio de Janeiro: Via Verita.

Chamond, J. (2011). Fenomenologia e psicopatologia do espaço vivido segundo Ludwig Binswanger: Uma introdução. *Revista Abordagem Gestáltica*, 17(1), 3–7. Recuperado de https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100002

Foucault, M. (1978). *História da loucura* (Obra original publicada em 1961). São Paulo: Editora Perspectiva.

Gadamer, H. G. (1999). *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (Obra original publicada em 1960). Petrópolis, RJ: Vozes.

Gonçalves, M., & Messas, G. P. (2015). O drama de Solness e o modo-de-ser extravagante na obra de Binswanger. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*. 4(4). doi https://doi.org/10.37067/rpfc.v4i2.1008

Heidegger, M. (2002). *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles: Indicación de la situación hermenéutica* (Obra original publicada em 1922). Madrid: Editorial Trotta.

Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo* (Obra original publicada em 1927). Campinas, SP: Vozes.

Heidegger, M. (2021). *Seminários de Zollikon*. Organizado por Peter Trawny (M. Casanova, Trad.). Rio de Janeiro: Via verita.

Holzhey-Kunz, A. (2018). *Daseinsanálise: O olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia* (M. Casanova, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Via Verita.

Jaspers, K. (1997). *Psicopatologia geral* (Obra original publicada em 1913). Rio de Janeiro: Atheneu.

Kendler, K. S. (2016). The nature of psychiatric disorders. *World Psychiatry*, Milan, 15 (1), 5-12. doi 10.1002/wps.20292

Loparic, Z. (2002). Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo? *Revista Natureza humana*, 4 (2), 383-413. Recuperado em 12 de abril de 2025, de https://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v4n2/v4n2a06.pdf

Machado, Í. M. I. (2015). Apontamentos epistemológico-críticos sobre a Daseinsanálise Binswangeriana. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 4(2). doi https://doi.org/10.37067/rpfc.v4i2.1007

Machado, P. R. R. (2019). Introdução. In Binswanger, L. *Psicoterapia e análise existencial* (p. 9-15). Rio de Janeiro: Via Verita.

Messas, G., & Fukuda, L. (2018). O diagnóstico psicopatológico fenomenológico da perspectiva dialético-essencialista. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 6(11), 160-191.

Morato, H. T. P., & Milanesi, P. V. B. (2022). Plantão psicológico como escuta oportuna: Hermenêutica da urgência? In A. L. Francisco, C. L. B. T. Barreto, D. de F. da C. C. de S. Leite, & M. C. L. de A. Amazonas (Orgs.), *Psicologia e demandas sociais contemporâneas: Reflexões e diálogos* (1. ed., pp. 163–180). Editora CRV.

Pita, J., & Moreira, V. (2020). A clínica de Ludwig Binswanger inspirada no Dasein de Heidegger e na fenomenologia genética de Husserl. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(4), 711–723. doi https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n4p711-3

Pita, J., & Moreira, V. (2013). As fases do pensamento fenomenológico de Ludwig Binswanger. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 679–687. Recuperado de https://www.scielo.br/j/pe/a/bxRKySLKN4Ck7q4pz4J4QJM/abstract/?lang=pt

Rodrigues, R. (2015). *Ludwig Binswanger: Um projeto de psicopatologia para além das categorizações* (Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ). Recuperado de https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/15434

Tamura, J. S., & Messas, G. P. (2023). Esquizofrenia em Eugène Minkowski e Ludwig Binswanger: A perda do contato vital com a realidade e a excentricidade. *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 12(1), 52–73. doi https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i1.1137